

Ocupação colonial da Palestina. Setenta anos de resistência à Nakba: o cotidiano de Comunidades beduínas na Cisjordânia



Leonardo Carneiro Ventura¹

Doutorando em História – PPGH/UFPE

leonardocventura@gmail.com

Michelle Julianne Souza Ratto²

Mestranda em Antropologia Social – PPGAS/UFRN

Michelle.jsr@gmail.com

Apresentação

Os palestinos vivem sob ocupação militar israelense há mais de cinquenta anos³. “Ocupação”, em um “dicionário da soberania⁴”, significa violações: transferências forçadas, demolições de moradia, cotidiano militarizado, cidades isoladas e cercadas, população privada de acesso à água, saúde, educação. Quando o esmagamento social se torna uma sombra constante, a manutenção de um mínimo cotidiano é um gesto de resistência. Convivendo por três meses com comunidades beduínas⁵ nos Territórios Ocupados da Palestina [Cisjordânia], tivemos a oportunidade de registrar momentos de angústia e leveza, formando o tecido de uma estranha rotina, uma existência onde cada fala, cada chá, cada ovelha criada, cada bandeira agitada, pode vir a ser a abertura ou o fechamento para novos possíveis.



Mais que uma atividade econômica, uma forma de vida, ameaçado pela tomada de terras palestinas pelo Estado de Israel em prol de colônias ilegais, e pela incursão violenta desses mesmos colonos. Shib Al Butum. Foto: Leonardo Ventura, 2016.



A demolição de moradias é uma das armas mais usadas (além dos armamentos bélicos) pelo Estado de Israel para o que o historiador Illan Pappé recentemente chamou de *a limpeza étnica da Palestina*. Vale do Jordão, Cisjordânia.

Foto: Michelle Julianne, 2015.



Na Palestina, um *dever-criança* transforma em sorrisos pedaços de uma realidade opressora. Aqui, três crianças palestinas brincam de “construir uma casa” – cujo direito lhes foi negado pelo governo israelense – com pedras e garrafas pet. Khan al-Ahmar.

Foto: Michelle Julianne, 2015.



A comunidade de Umm El Kheir vive uma partida diária pela sobrevivência. Lutando contra ordens de demolição constantes por parte da (in)justiça israelense, sofre ainda os ataques físicos e morais do colonato vizinho, instalado ilegalmente. Umm El Kheir. Foto: Leonardo Ventura, 2016.



A voz grave de Abu Tarik atravessa as colinas de Dkaika, South Hebron Hills, como uma bala um dia atravessou sua garganta. Alvejado na nuca, de joelhos, por um militar israelense, ao recusar abandonar sua casa, é uma das muitas histórias de sobrevivência palestina. Dkaika. Foto: Leonardo Ventura, 2016.



A restrição de acesso à água aos palestinos, incluindo o confisco e o bombardeio de reservatórios pelas forças israelenses, soma os riscos de desidratação às condições já insalubres impostas às comunidades beduínas. Imagem tirada na Comunidade de Khan Al Ahmar, Jerusalém ocupada. Khan Al Ahmar . Foto: Leonardo Ventura, 2016.



A educação é uma preocupação – e um martírio – constante para os refugiados palestinos vivendo em áreas urbanas e rurais. Na foto, uma escola primária construída com restos de contêineres, e, ainda assim, sob ordens de demolição por Israel. Deserto da Judéia. Foto: Michelle Julianne, 2015.



A escola fundamental para meninas de Abu Hindi - demolida três vezes por Israel - foi construída e reconstruída com pneus e lama, inspirada nas habitações indígenas do Brasil. Comunidade beduína Abu Hindi, Deserto da Judeia, 2015. Foto: Michelle Julianne, 2015.



Para muitas famílias palestinas, proibidas por Israel de construir em terras suas, as cavernas de South Hebron Hills são o último refúgio contra os períodos de calor e frio intensos da região desértica. Shib Al Butum. Foto: Leonardo Ventura, 2016.



Na comunidade Wadi Abu Hindi, uma criança brinca no intervalo das aulas. Ao longe, uma tempestade de areia se aproxima. Mas o vento não perturba seu balanço: há muito ela aprendera a perceber o horizonte onde muitos só enxergam pó. Wadi Abu Hindi. Foto: Michelle Julianne, 2015.



Anoitece em Shib'Al Butum. Trazida por cabos que se prolongam pelo chão da comunidade, a energia elétrica gerada pelas células solares – doadas por organizações humanitárias e muitas vezes confiscadas por Israel – é suficiente para algumas lâmpadas e aparelhos domésticos. Shib'Al Butum.
Foto: Leonardo Ventura, 2016.



Manifestações pela posse de terras são frequentes, assim como o uso da bandeira palestina, uma forma de dizer que a luta não é apenas por seu território, mas por um país descolonizado e independente⁶. Dkaika.
Foto: Leonardo Ventura, 2016.

Técnicas utilizadas para as fotografias:

Leonardo: Este autor utilizou uma câmera de telefone celular, Samsung Galaxy S7 para realizar este ensaio, em 2016.

Michelle: Esta autora utilizou uma câmera digital Canon EOS 1200D para realizar este ensaio, em 2015.

Programa de edição:

Todas as fotos foram tratadas de maneira simples, via celular, através do App Snapseed.

Notas

1. Participou como voluntário no Programa de Acompanhamento Ecumênico na Palestina e Israel (EAPPI-PAEPI), no período de novembro de 2016 a fevereiro de 2017, alocado na cidade de Yatta, no sul da Cisjordânia.
2. Participou como voluntária no Programa de Acompanhamento Ecumênico na Palestina e Israel (EAPPI-PAEPI), no período de julho a outubro de 2015, alocada em Jerusalém Oriental, Cisjordânia.
3. A cronologia do extermínio palestino por Israel é complexa e atravessa o século XX, tendo seus marcos temporais significados diferentes para cada um dos povos. Aqui, tomamos por referência o ano de 1967, quando teve início oficial a ocupação militar israelense da Cisjordânia, com a tomada e cerco da Faixa de Gaza, das Colinas de Golã e de Jerusalém Oriental. Antes, porém, a construção do Estado israelense em 1948 já era conhecida na Palestina como a Nakba, “catástrofe” em árabe, designando o êxodo forçado de mais de 700 mil palestinos expulsos de seus lares. Para uma visão aprofundada, ver PAPPÉ, Illan. *A Limpeza Étnica da Palestina*. São Paulo: Sundermann, 2016.
4. Para uma análise das formas de soberania enquanto projeto de destruição material de corpos humanos, ver MBEMBE, Achille. *Necropoder*. São Paulo: N – 1, 2018.
5. Os beduínos, que hoje vivem majoritariamente na região da Cisjordânia, descendem da família Al Jahalin, antigos habitantes do deserto de Neguev. Com o advento da nakba, em 1948, passaram a sofrer perseguição, sendo expulsos ao custo de demolições, incêndios e assassinatos pelas tropas de Israel. Atualmente, cerca de 26 mil beduínos, na situação de refugiados, vivem sob risco de transferência forçada, tendo ameaçada a sua cultura, estilo de vida e acesso a direitos básicos. Para mais dados: <https://www.aljazeera.com/indepth/interactive/2017/07/bedouin-communities-occupied-west-bank-170703085006794.html>. Acesso em 03 fev. 2018.
6. Apesar da Palestina ser reconhecida por mais de 130 países e ter status de Estado observador não-membro nas Nações Unidas, este é um reconhecimento apenas simbólico. O não estabelecimento de um Estado Palestino dá margens para graves violações de direitos humanos.